

AMBIENTE

Couro vegetal, a nova oferta da floresta

Produto de índios e caboclos amazônicos se transforma em agendas e mochilas urbanas

ULISSES CAPOZOLI

Historicamente pouco assistidos pelo poder central, os índios brasileiros tratam de viabilizar projetos econômicos capazes de assegurar-lhes recursos para a garantia de bens estratégicos: combustível, munição e outros produtos fundamentais neste final de século, mesmo para a vida na floresta. A preocupação, neste caso, é com uma produção auto-sustentável, que permite a manutenção dos recursos naturais, ao contrário do que ocorre com os métodos tradicionais de exploração dos brancos.

O couro vegetal é uma das mais recentes destas criações. Elaborado a partir de uma estrutura em tecido, revestida por látex vegetal, o antigo "saco encauchado", de índios e caboclos amazônicos, foi transformado em mochilas, bolsas, bonés, saias e especialmente agendas, o último produto da linha. A agenda, batizada de 21, custa R\$ 21,00 e é uma referência ao encontro organizado pela ONU no Rio em 1992, a Eco-92. Esses produtos estão disponíveis nas lojas Select dos Postos Shell de combustíveis.

Politicamente correto, o couro vegetal está sendo viabilizado economicamente pela Couro Vegetal da Amazônia, em conjunto com o Centro de Pesquisas Indígenas. Por trás do projeto estão pessoas como Ailton Krenak, presidente do Centro de Cultura Indígena, em São Paulo, e João Fortes, da Couro vegetal, no Rio.

Ailton é um crenaque que viu o antigo território de seu povo, no Vale do Rio Doce, em Minas, ser historicamente invadido e destruído com a justificativa de uma "civilização" que nunca chegou. Os crenaques são parte de um conjunto de etnias que formaram os Botucudos, índios que enfrentaram com energia as frentes de ocupação que penetraram Minas Gerais nos séculos 18 e 19.

Extermínio — Em 1808, quando desembarcou com a família real no Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte, o rei português D. João 6º passou de perseguido a perseguidor. Decretou uma guerra de extermínio aos Botucudos premiando os matadores destes povos com isenção de impostos e acesso facilitado às terras. Quando a guerra terminou, os sobreviventes acabaram aldeados por missões religiosas. Assim, esses índios, que foram numerosos no passado, estão reduzidos atualmente a um grupo de não mais que 99 pessoas.

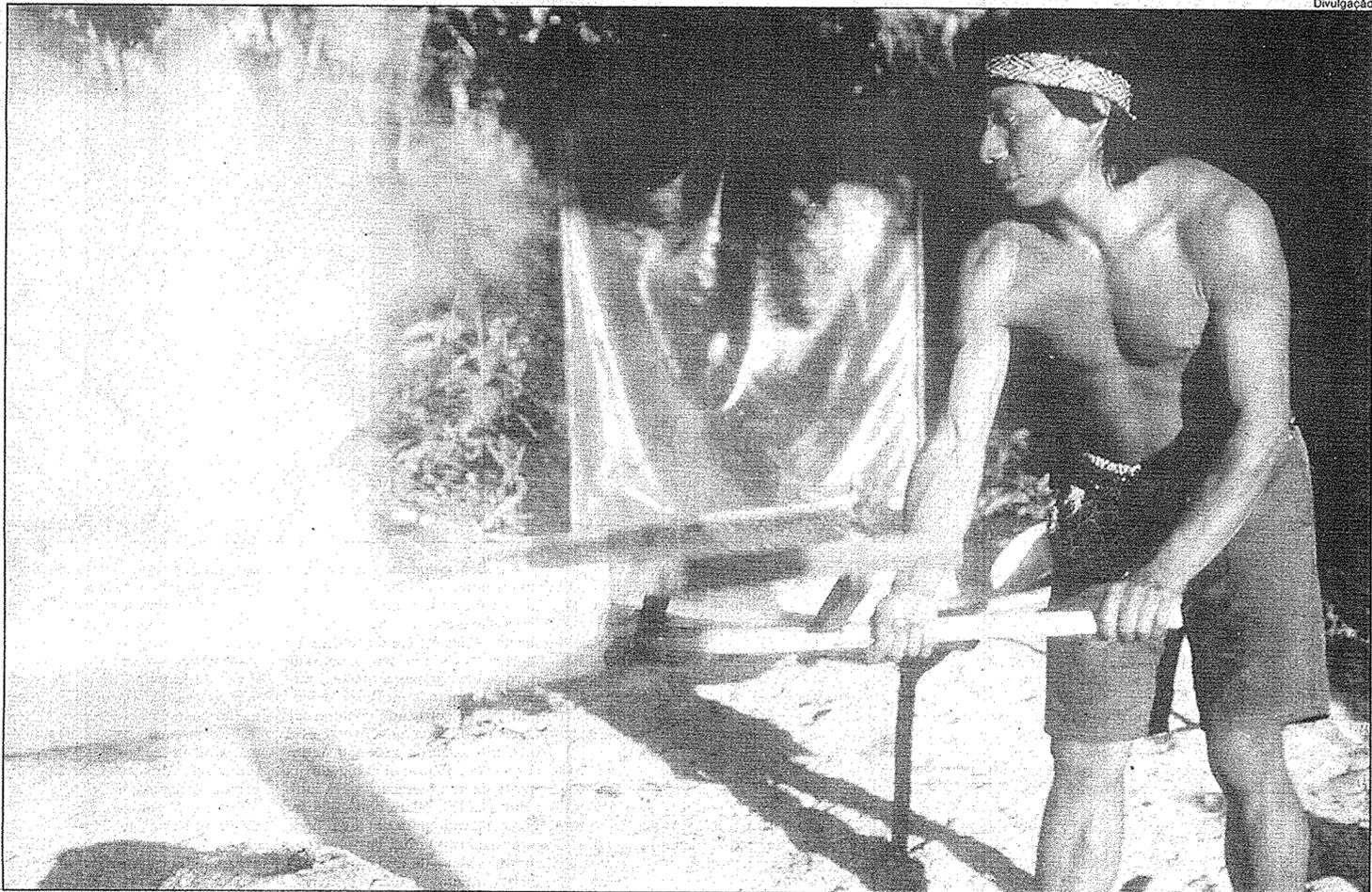
João Augusto Fortes teve outra experiência. Um "bem nascido", poderia ter se voltado exclusivamente para as preocupações financeiras, dentro de uma tradição algo obscurantista que prevalece no Brasil, entre as elites econômicas. Em vez disso, e especialmente sob o impacto da morte do líder seringueiro, Chico Mendes, ligou-se a uma organização não governamental. Daí surgiu a empresa Couro Vegetal da Amazônia e a ligação com os índios Iauanaú e Caxinaú, às margens dos rios Gregório e Jordão, no Acre.

A produção atual de couro vegetal está em torno de 50 mil lâminas ao ano. De acordo com uma avaliação do Núcleo de Cultura Indígena, também uma organização não governamental, já influi nos ganhos das comunidades extrativistas.

A consolidação de um projeto como o do couro vegetal no Acre certamente não é uma coincidência fortuita. Ao contrário. Ela se insere numa política crescente de auto-gestão consolidada na região pela liderança do líder Chico Mendes, assassinado há oito anos, no dia 22 de dezembro de 1988.

Apesar de a metade das áreas indígenas desse antigo território não estarem inteiramente regularizadas, segundo avaliação do Instituto Socioambiental (Isa) "é possível afirmar que as populações nelas residentes têm controle efetivo sobre seu aproveitamento cotidiano".

Esse controle das terras inclui a busca do melhor uso dos recursos naturais, numa experiência que lentamente se espalha por outras regiões amazônicas. É o caso do Amapá, onde a falta de estradas inibiu as destruições ambientais já registradas em outros pontos, como o próprio Acre. No Amapá, índios da etnia uaiápi, convivendo com populações não índias envolvidas com extrativismo auto-sustentado levam um estilo de vida que pouco mudou, desde que foram contatados, nos anos 1970. No outro lado da fronteira, na Guiana Francesa, onde os uaiápis são considerados "desempregados" pelo governo francês e por isso mesmo recebem um salário específico, cresce o alcoolismo e a desagregação tribal.



Produto tradicional de látex, utilizado por índios e caboclos amazônicos, gera renda e permite que a floresta mantenha seu equilíbrio ambiental inalterado.

JOÃO AUGUSTO FORTES

A experiência com a mata

Como diretor de marketing de uma das mais bem conceituadas empresas de construção urbana do País, a João Fortes Engenharia S.A., tive a oportunidade de elaborar projetos culturais que refletissem a relação da empresa com a arquitetura, a arte e o meio-ambiente de suas obras.

Ao patrocinar projetos ecológicos, conheci várias pessoas interessantes, e entre elas, Chico Mendes. Como era uma pessoa forte, agradável e sábia, seu assassinato no dia de hoje, há oito anos, me impressionou muito. Por causa disso me interessei em participar da criação de uma organização não governamental chamada Salve a Amazônia.

Em 1989, essa entidade se envolveu no lobby para trazer a conferência da ONU sobre o Meio-ambiente e o Desenvolvimento para o Brasil, a Eco-92. Em 1990 o Salve a Amazônia se transformou na entidade Pró-Rio 92 para poder difundir a consciência do que seria essa conferência. Esse movimento ajudou o País a receber, aproveitar e crescer com o maior encontro que a ONU já promoveu. Esse movimento chegou a colocar em contato 409 organizações empresariais e organizações sociais. Possibilitou encontros de diferentes universidades, diferentes tradições religiosas e diferentes movimentos comunitários.

Diversidade — Dar oportunidade às pessoas de conhecerem outras pessoas diferentes é a maior riqueza que a diversidade humana pode proporcionar, principalmente quando pessoas diferentes se juntam por uma causa comum, um objetivo comum, nosso futuro comum. Em 1991, eu e Beatriz Saldanha, que também trabalhava com o movimento ecológico, resolvemos visitar o mercado de produtos verdes. Abrimos o Eco-Mercado, no Rio de Janeiro e, de todos os produtos lançados, os de couro vegetal da Amazônia eram os mais coerentes, legítimos e também os mais procurados.

O sucesso de sua apresentação durante a Eco-92 no Fórum Global, nos levou a dar outras evoluções nesse produto de tecnologia tradicional da floresta e ampliar sua produção a partir

de 1993. Com o aumento do número de produtores em 1994, alguns deles começaram a voltar para a floresta. Tivemos o caso dos índios Iauanaú que começaram a voltar para sua aldeia no rio Gregório, afluente de Juruá, Estado do Acre. Vindos das periferias das cidades do Acre, de trabalhos em fazendas e até de tirar madeiras, o principal motivo do retorno desse povo era o trabalho tradicional e a volta à sua cultura e território tradicionais. Dos 230 índios existentes no censo de 90, o cacique Iauanaú contou 420 numa grande reunião em junho deste ano.

O próximo passo é a participação dos produtores no resultado do projeto através de uma cooperativa. Com isso, ele passou a ficar maior que o produto. O apoio de entidades governamentais e não governamentais brasileiras e internacionais, o tem legitimado mais ainda. A parceria com empresas como o BNDES, a Shell do Brasil, a Brasperola e a Amway do Brasil, além da própria João Fortes Engenharia, tem demonstrado sua coerência. A adesão de amigos e de pessoas formadoras de opinião, como Stênio Garcia ou Caetano Velloso, Lucélia Santos ou Xuxa e muitos outros mostram

seu potencial. Herbert Viana, do grupo Paralamas do Sucesso deu sua opinião: — "Eu acho o projeto sensacional, não só pela qualidade do produto, mas pelo projeto do começo ao fim, leva renda e tecnologia lá e traz conscientização para cá".

Toda essa evolução me levou a sair esse ano da empresa de minha família para ajudar a colocar o produto da Couro Vegetal da Amazônia definitivamente no Mercado. A colocação de um produto novo e saudável realmente deve contar com o apoio de todas as pessoas.

Esse ano teremos a Agenda 21, depois teremos outros produtos da Couro Vegetal da Amazônia. Dando certo, outros produtos da floresta virão. Mais índios e seringueiros poderão retornar às suas culturas e preservar seus territórios tradicionais. Nós poderemos ter mais produtos de qualidade e mais qualidade para o planeta, para nós e para nossos filhos. Mais qualidade para nosso futuro comum.

AILTON KRENAK

Novas perspectivas alteram o horizonte

Comunidades florestais no Brasil, no máximo, pode ser aceito como designação para extrativistas e índios. Nunca como categoria ativa integrada social e economicamente à realidade do País e de suas dinâmicas. Mas algo de novo vem acontecendo em algumas regiões brasileiras que animam a nossa perspectiva quanto ao horizonte de participação de populações excluídas economicamente na vida nacional. E esta notícia vem da floresta. É o caso do treetap, ou couro vegetal, como tem sido identificado mais facilmente, que tem também a sua origem na economia seringueira da Amazônia.

As fábricas da floresta são unidades de processamento da matéria-prima e produtos das lâminas vulcanizadas que mais tarde se tornam mochilas, bags, e uma lista enorme de itens de acessórios e moda urbana, inclusive as famosas "Agendas 21", como estão sendo chamadas as agendas para 1997, confeccionadas pela Treetap, marca de fantasia da Couro Vegetal da Amazônia.

Assim estão se transformando os antigos terreiros das colocações extrativistas das beiras do rio Juruá, em animados centros de produção na floresta. Com as pessoas que antes viviam isoladas por força das suas economias domésticas e tradicionais, agora integrando uma rede de contatos e interação que, se ainda dispensa o PC e o lap top, já exige centros de comunicação alimentados por placas de energia solar, rádios e outros meios auxiliares nas suas transações com os mercados regionais e nacionais.

Recursos — Esta novíssima atividade florestal já movimentou recursos gerais da ordem de aproximadamente US\$ 1 milhão anual. Com o positivo impacto de investimentos e atenção de várias partes dos setores produtivos em uma área cada vez mais potencial para o desenvolvimento da região com a obrigatória participação das populações locais.

Como parcerias criativas, neste caso, estão a identificação de um produto local conhecido amplamente, sua disponibilidade e acesso fácil à região de produção, além da disposição das comunidades regionais em impulsionar um novo uso deste material básico, a partir do "saco encauchado" que, como o nome diz, é um invólucro de pano

rústico banhado em látex defumado. É um material de uso rotineiro das pessoas no dia a dia da mata, para carregar coisas que não podem molhar.

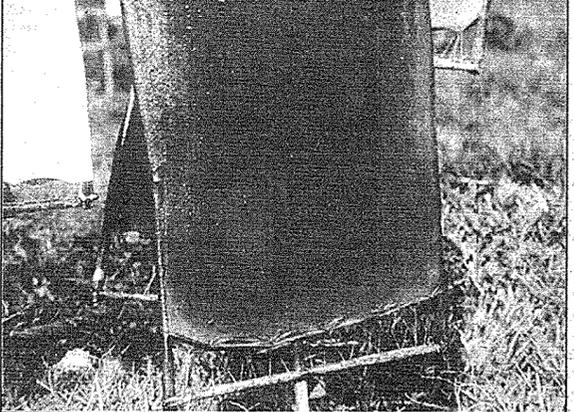
Esta é a síntese da experiência do Centro de Pesquisa Indígena com as Associações de Produtores Caxinaú, Iauanaú e também seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá, com a atividade de desenvolvimento do produto couro vegetal, o treetap.

Uma perfeita combinação envolvendo, de um lado, os recursos naturais disponíveis nas áreas indígenas e reservas extrativistas, ao conhecimento acumulado sobre estes recursos e a experiência no processamento da matéria-prima básica; de outro os institutos de pesquisa facilitando a investigação de materiais, desenvolvimento de processos técnicos, treinamento e assistência técnica. E, fechando o triângulo de cooperação, as empresas abrindo mercados investindo na produção, infra-estrutura e desenvolvimento permanente do produto, além do

marketing comercial. Estas vantagens iniciais da idéia foram ainda coroadas pela fácil identificação do treetap pelo público consumidor, como produto ecológico afirmativo das culturas tradicionais de florestas, além de promover a conservação de milhares de hectares de terras em áreas naturais.

Depois de três anos de esforços e investimentos conjuntos das parcerias — onde a contribuição de cada parte foi sendo identificada e desenhada a partir de critérios de adaptabilidade, responsabilidade, capacidade de resposta real, integração harmoniosa ao conjunto com as exigências naturais de superação dos preconceitos e das dificuldades de cada um dos lados — estamos projetando para a próxima safra (1997/98) uma situação de razoável equilíbrio nas relações entre as partes.

As associações de produtores hoje atuam mais decididamente na produção e administração das atividades internas a cada comunidade, podendo tomar recursos financeiros de um fundo público instituído especialmente para promover iniciativas voltadas para o desenvolvimento do setor florestal.



Lâminas secam ao Sol: produção já chega a 50 mil unidades ao ano